



Um típico vaqueiro gaúcho dos pampas, também chamado de gaudério, fotografado por Vilani em Santana do Livramento (RS)

OS CAMINHOS E ATALHOS PARA ver e pensar em P&B

Visto como escolha mais artística, fazer uma imagem em preto e branco não se resume apenas a converter a cor. Vai muito além, como ensinam cinco fotógrafos craques no assunto

POR MÁRIO FITTIPALDI

A chegada das câmeras digitais ao mercado tornou o processo de criar imagens em preto e branco muito mais prático. Se na época da fotografia analógica a decisão passava pela escolha do filme, hoje não é preciso se preocupar com isso na hora do clique, uma vez que a conversão do arquivo digital colorido pode ser feita na pós-produção. No entanto, fotógrafos especialistas na utilização do P&B são unâni-

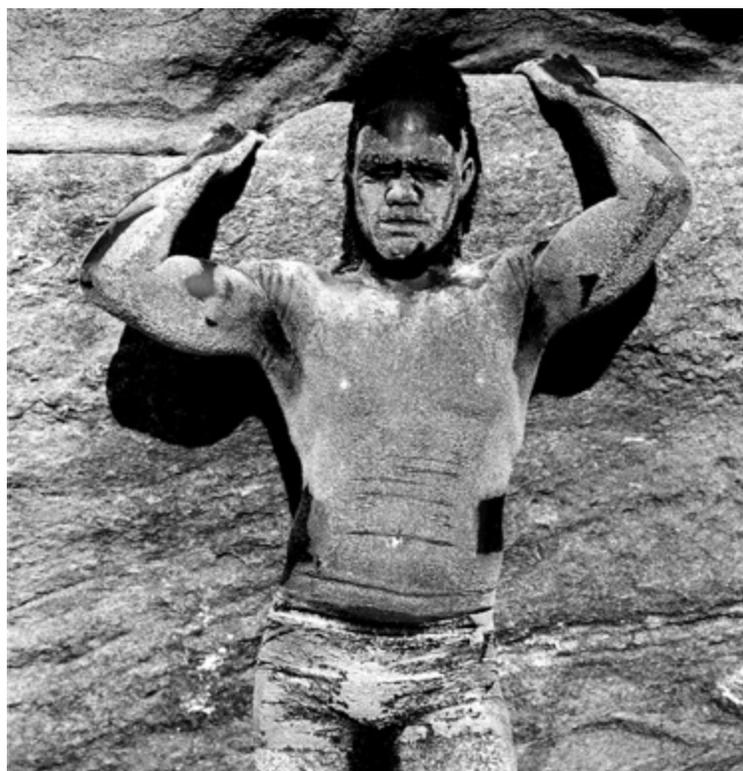
mes em afirmar que não basta converter arquivos: é preciso que a linguagem esteja a serviço da narrativa proposta, ou seja, daquilo que se quer mostrar. Assim, é preciso um bom motivo para que uma foto exista em preto e branco – os entrevistados por **Fotografe** Orlando Brito, Tiago Santana, Tadeu Vilani, Marcos Bonisson e Ale Ruaro concordam com essa afirmação.

Para o mineiro Orlando Brito, 68 anos, é natural pensar na fotogra-

fia em P&B, já que ela nasceu nesse formato. Fotojornalista radicado em Brasília (DF) desde 16 anos, e acostumado com a cobertura política, Brito trabalhou na sucursal do Distrito Federal do jornal *O Globo* de 1969 a 1982, foi editor de fotografia da revista *Veja* até 1985 e, em seguida, do *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro, de 1987 a 1989, entre outros veículos. Já fotografou com filme P&B, cor e com câmeras DSLR. Hoje dirige sua própria agência de imagens na capital



Marcos Bonisson



Orlando Brito

Manifestação em Brasília (DF) pelo olhar de Orlando Brito e retrato na praia em obra de Marcos Bonisson (à dir.)



Ale Ruaró

federal, a ObritoNews, e se aventura também em trabalhos autorais em *fine art*. “Esse universo é regido pelo preto e branco”, observa.

Brito gosta de dizer que fotografar é excluir. “O que é determinante é como enxergar o personagem e a cena. A luz do local, as cores, o enquadramento... O fotógrafo vai excluindo até chegar ao que deseja. Suprimir as cores é só mais

Acima, retrato de rua feito em Barcelona por Ale Ruaró; ao lado, cena no interior do Nordeste registrada por Tiago Santana



Tiago Santana



Acima e abaixo, imagens de Orlando Brito que fogem do cotidiano de fotojornalista e se apresentam como trabalhos de *fine art*

uma etapa do processo. Chega um momento que elas não são mais necessárias”, analisa. “Mas é preciso fazer isso com consciência”, ressalva, lembrando que, como fotojornalista, registra imagens sempre em cores para fazer a conversão depois, na pós-produção, quando acha que é o caso.

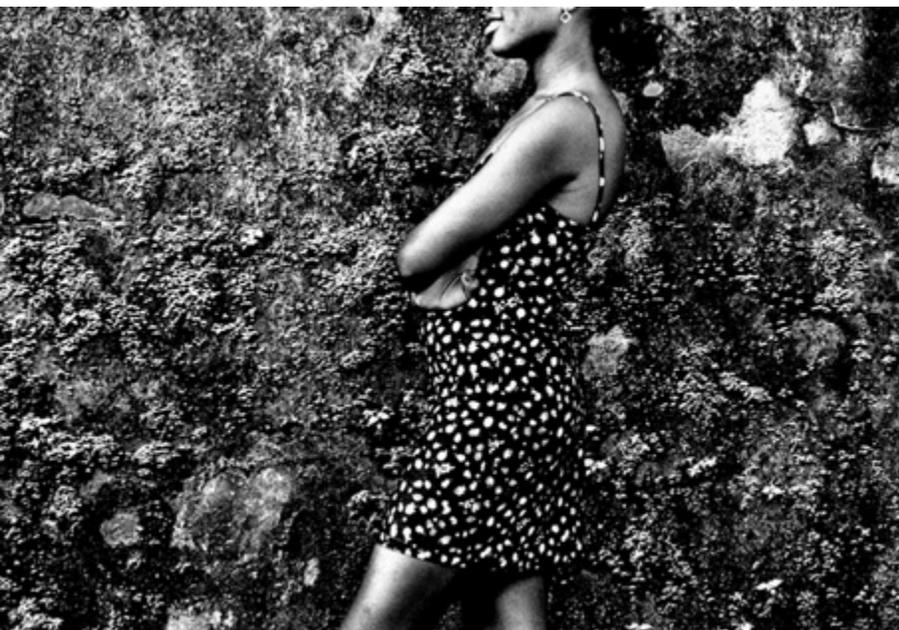
Para ele, o fotógrafo tem de saber, antes mesmo do clique, quando a cor está atrapalhando. “No auge da crise do governo Dilma Rousseff, vi que ela estava abatida, então já sabia que a foto seria em P&B”, lembra. Mas adverte que tanto a

cor quanto o preto e branco têm o seu espaço, seja no fotojornalismo ou no *fine art*. Ele cita uma série de fotos feitas em cada lugar por onde passa, todas às seis da tarde. “O pôr do sol em Porto Alegre é azulado, em Brasília, amarelado. Para mostrar isso, preciso da cor”, enfatiza.

SINTONIA COM O MEIO

O cearense Tiago Santana, 52 anos, é bastante conhecido pelo trabalho documental de tradições e festas populares do Nordeste, além de imagens com forte cunho de denúncia social. E, no processo de formação de sua linguagem fotográfica, o P&B veio naturalmente. “Comecei a fotografar na era do analógico e uso filme até hoje”, comenta o fotógrafo, ganhador de vários prêmios (Marc Ferrez de 1995, Conrado Wessel de 2006, entre outros), além de ter um livro da famosa coleção francesa Photo Poche dedicada à sua arte em P&B.

Para ele, o descobrir da fotografia guarda uma relação íntima com o lugar onde nasceu. “A luz sempre muito dura do sertão nordestino, aquele clima de mistério... É um lugar que tem ainda uma forte presença da xilogravura, que conta as histórias locais e que também é uma coisa meio dura, sem meios-tons”, compara. “Entendi que o P&B era a linguagem mais adequada para contar minhas histórias. Não se trata de desmerecer a cor, mas, olhando para o meu trabalho, vejo que ela remeteria a outros referenciais, a outras





leituras”, analisa. “O uso do P&B força a concentração nos detalhes, nos gestos, nos olhares”, completa.

Ele continua fotografando com filme – tem hoje uma câmera 6x17 para negativo 120 mm. “Cada imagem ocupa três fotogramas 6x6, o que me dá apenas quatro fotografias por filme”, informa. Diz que, mesmo vivendo em um tempo meio maluco, com os sistemas digitais e coisas muito rápidas, no seu espaço o filme é mais adequado. “Tem a ver com o ritmo do lugar, com a imagem latente, que não se vê na hora, com a espera”, observa, acrescentando que sempre revelou os próprios filmes. “Ultimamente venho trabalhando com dois profissionais reveladores, mas já estou providenciando um espaço para voltar a fazer isso”, projeta.

Santana explica que, ao pensar um trabalho mais conceitual, o fotógrafo nunca tem todas as certezas. Ele diz que é nesse momento que são feitas escolhas, e a decisão pelo caminho a seguir sempre tem de ser tomada de olho no resultado. “Tem de ter um sentido, uma linguagem, uma relação com o au-

tor e com o objeto e o espaço em que ele trabalha. Obviamente, não existe regra para isso”, avalia. “O genial da fotografia é que há jeitos e jeitos de se fazer as coisas, não há um único caminho, cada fotógrafo tem de aprender a trilhar o seu”, ensina.

VOLTA ÀS ORIGENS

O gaúcho Tadeu Vilani, 53 anos, divide seu tempo entre o trabalho como fotógrafo e o trabalho como fotógrafo do jornal *Zero*

Hora, de Porto Alegre (RS), e projetos documentais, que busca, preferencialmente, produzir em P&B. É o caso do livro *Yo Soy Fidel*, feito em parceria com o também fotógrafo jornalista paranaense Leandro Taques e o jornalista Gibran Mendes. A obra retrata a comoção do povo cubano nos funerais de Fidel Castro (veja reportagem na edição 262).

“A fotografia P&B no meu trabalho é uma forma de resistência a



No alto e ao lado, o cuidado de Tiago Santana com a composição de imagens do cotidiano nordestino feitas com filme P&B



Fotos: Tadeu Vilani

O condutor de um carro de bois de São Gabriel (RS) numa parada para descanso: Vilani aposta em documentários em P&B

tantas mudanças, é a persistência de que sei fazer”, assegura Vilani.

Ele é categórico ao dizer que, em seus projetos documentais, opta por imagens monocromáticas simplesmente por ser o caminho por onde deu os primeiros

passos na fotografia. “É onde estão minhas referências, principalmente as imagens dos filmes do neorealismo italiano do pós-guerra”, informa. Vilani lembra também que os quatro anos em que trabalhou como laboratorista no come-

ço da carreira, no início dos anos 1990, foram fundamentais para que entendesse o formato. “Ampliar negativos de outros fotógrafos foi uma grande escola, pude perceber a forma como trabalhavam, como faziam a composição, o enquadramento e a compensação da luz”, recorda-se.

Essa experiência foi fundamental para que Tadeu Vilani desenvolvesse um olhar específico para o P&B. “Mesmo fotografando em cores, quando olho uma cena sei exatamente como ela será em escala de cinzas, e sei até onde posso ir no tratamento para buscar o melhor resultado”, diz. Ele usa uma DSLR Nikon D800 em seus projetos pessoais e uma Canon EOS 5D Mark III para o trabalho de fotojornalista. Para a conversão, faz o primeiro tra-



Vilani colocou a câmera ao nível da lama do curral, em Uruguaiana (RS), para captar a imagem com olhar em P&B

Imagem da série *Pedras de Toque*, feita entre 2001 e 2004, por Marcos Bonisson com filme P&B

tamento com o *plug-in* Silver Efex, para depois harmonizar o resultado no Photoshop. “Trato foto por foto, pois cada uma tem sua luz, suas tonalidades, sua composição. É preciso respeitar a individualidade de cada imagem”, explica ele, ganhador por três anos seguidos da categoria P&B do Concurso Leica-Fotografe (2010, 2011 e 2012) e do Prêmio Conrado Wessel de 2011.

PULSO PRIMORDIAL

O carioca Marcos Bonisson diz ter uma relação com o P&B desde sempre. Ele estudou gravura, desenho e cinema na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro (RJ), e só depois, aos 18 anos, se interessou por fotografia. “Percebi uma certa flexibilidade com o suporte que achei incrível. Usava bastante o laboratório P&B da faculdade. Acho que de alguma forma isso fica impregnado na gente”, comenta.

Para Bonisson o preto e branco tem um diálogo primordial com a fotografia desde sua invenção. “É uma marca, uma marca forte”, diz. E faz coro com outros fotógrafos ao dizer que a escolha tem de ser consciente. “O que o artista vai fazer com a foto é fundamental, é preciso estar focado no resultado”, analisa. Para ele, a decisão passa primeiro pela experimentação, depois pela estética. “Acho muito difícil tomar esse tipo de decisão, se vai ser em cor ou P&B. O que me norteia é a invenção, a construção para criar algo poético. Então, experimento e escolho. Daí vou em frente com a escolha que fiz”, afirma.

Ele é autor de muitas séries fotográficas sobre o Rio de Janeiro,

Imagem da série *Zig Zag*, feita em 2011, que faz parte do livro *Arpoador*, apenas com fotos em P&B

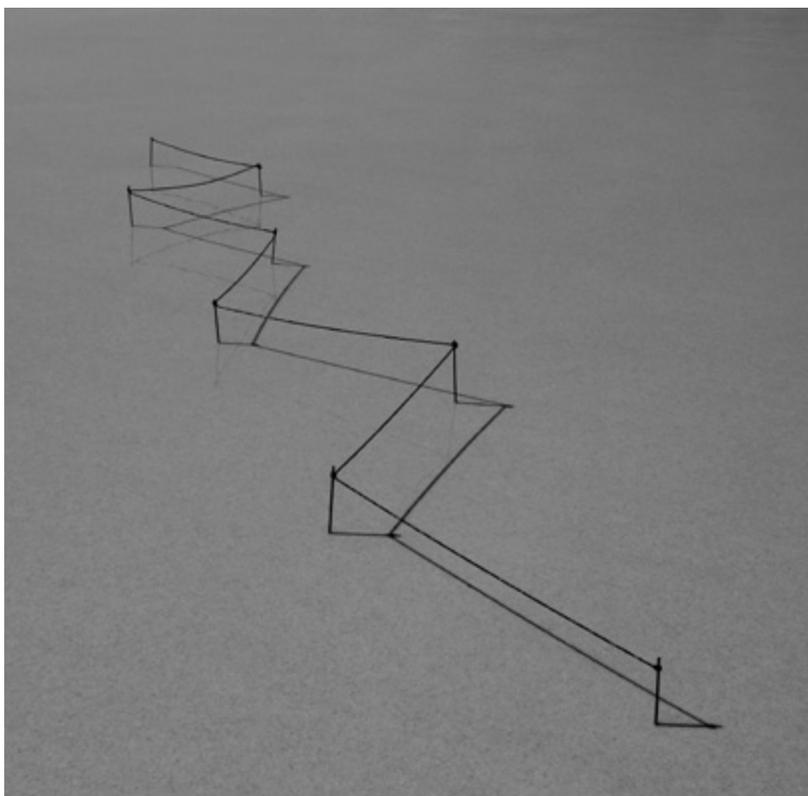


Fotos: Marcos Bonisson

boa parte delas reunidas no livro *Arpoador* (Editora Nau, 2011). Toda a série *Balada do Corpo Solar* e quase a totalidade do livro foram feitas com negativos de 35 mm e 120 mm copiados em gelatina de prata. Ele cita como influências principais o americano Irving Penn

e o francês Jacques-Henri Lartigue, além de Gordon Parks, Robert Longo, também americanos, e os japoneses da revista *Provoke*, que circulou entre 1967 e 1968.

Hoje, fotografa com uma DSLR Nikon D800 e uma compacta Canon G7X, fazendo a conversão pa-





Abaixo, DJ americano retratado em Berlim, na Alemanha, por Ruaro



Fotos: Ale Ruaro

ra o P&B na pós-produção, uma a uma. “Abomino *presets*”, avisa. Para ele, uma variação de voltagem, um papel diferente, o monitor do lugar que está imprimindo, tudo isso afeta o resultado. Então, é sempre preciso testar. “As máquinas não funcionam da mesma maneira sempre”, justifica.

ENXERGAR EM P&B

Fotógrafo gaúcho radicado em São Paulo (SP), Ale Ruaro, 42 anos, gosta de dizer que enxerga em preto e branco. “Talvez seja porque vejo o mundo de uma maneira um tanto soturna”, arrisca, acrescentando que passou muito tempo fotografando a cena *underground*. “A cor es-

Modelo clicada dentro do carro em Barcelona, Espanha, enquanto ela e o fotógrafo iam para o local do ensaio

tá presente em tudo, mas quando comecei a estudar fotografia passei a pensar em uma escala de cinzas, imaginando que o vermelho viria um cinza-escuro, o laranja é um cinza mais claro, o amarelo é mais clarinho e assim por diante”, explica.

Ruaro diz que, antes de fotografar, é preciso saber ver em P&B, habilidade que desenvolveu em cursos e com os livros do mestre americano Ansel Adams. “Criei a minha linguagem utilizando fotometria pontual. Sou um maníaco pela exposição perfeita”, afirma. Não que ele nunca fotografe em cores. “Se durante um trabalho uma cor me encantar, então a imagem será colorida”, pontua, acrescentando que foi o que ocorreu quando fez a série *Naked Friends*, que acabou virando livro. “Embora o livro seja essencialmente em P&B, optei por incluir algumas imagens em cor. Mas 95% do meu trabalho é originalmente em preto e branco”, afirma.

Para o fotógrafo, a decisão sobre utilizar P&B ou cor deve ser tomada antes do clique. Ele usa duas câmeras Leica M com lentes 35 mm e 50 mm, sendo que uma delas é o modelo Monochrom, que só captura imagens em escala de cinzas. “Fotografo preferencialmente com ela”, diz, explicando que gosta da impossibilidade de se ver o resultado em cores. “Além disso, ela suporta um valor de ISO mais alto do que a Leica colorida”, justifica. “Boa parte da série sobre sadomasoquismo que fotografei em Berlim foi feita com ela”, comenta.

O material que produz com a outra Leica é convertido em P&B na pós-produção, mas sem grandes requintes de edição ou correção. Ruaro garante que usa apenas um *preset* que personalizou no Lightroom. “Importo a fotografia, seleciono o meu *preset* e dou saída. Só isso. O resultado que persigo vem com a câmera que usei, com a luz que escolhi, com a cena que criei”, informa.